



# Desafios e recordes

**É** tempo de recordes. Para muitos, é a busca pela perfeição, a tentativa de superar os próprios limites; para outros, é o caminho da glória a partir de derrota dos adversários; e há até quem busque a imortalidade, ainda que ilusória, por meio de marcas insuperáveis — ou quase.

Mas o destino do recorde é ser quebrado, como vimos em Tóquio, embora alguns durem eternidades, talvez pela falta de motivações olímpicas — uma das ideias do Barão de Coubertin, que trouxe as disputas da Grécia antiga para nossos tempos, era que os jogos substituíssem as guerras. E recordes irrelevantes duram mais.

Exemplo é o recorde de caligrafia microscópica, que, há décadas, está nas mãos do padre espanhol Jose Mallada, que escreveu o Padre Nosso num palito de fósforo. Três vezes! A utilidade disso para o desenvolvimento da humanidade ainda é um assunto em aberto.

Há palavras minúsculas mais famosas e relevantes, como as registradas nas cadernetinhas de Bob Dylan, que resultaram num de seus melhores álbuns, *Blood on the Tracks* (1975). Ou as anotações do filósofo Walter Benjamin, relevantes pelo conteúdo, surpreendentes pelo tamanho microscópico.

De recordes idiotas o mundo está cheio: disputa-se quem mais come cachorros-quentes, cospe mais longe, coloca mais canudos na boca, fica mais tempo plantando bananeira na ponta dos dedos ou consegue girar mais o pé para dentro, a ponto de virar um caipora. Qualquer coisa que dê motivo para uma conversa de pub inglês, onde surgiu esse festival de bizarices. Aqui não é diferente.

Quando jovens, hoje vetustos jornalistas saíam do trabalho na boca da madrugada se reuniam para tomar a penúltima. Muitas vezes, a calçada em frente à Cantina Sorrento ou a qualquer outro bar que não arriava as portas se transformou em pista para disputas aguerridas de velocidade — nenhum atleta resistiria a um exame antidoping,



até porque se havia algum recorde a ser batido era o número de garrafas tiradas da caixa.

No fundo, recordes são apenas números. Eu me lembro de ter entrevistado o médico Ryoke Inoue, o mais prolífico escritor do mundo, com 1.283 títulos publicados até este minuto, a grande maioria sob pseudônimo e sobre faroeste. Lançou alguns livros assinando o nome, mas sem tanto destaque. Certamente, trocaria a vasta produção por um reconhecimento, digamos, menos peculiar de sua obra.

Um gaúcho foi considerado o leitor mais voraz do mundo, com uma média de 446 livros por ano. Ao todo, seriam mais de 10 mil livros já

lidos por ele, todos retirados na Biblioteca Pública. O crítico Rubens Ewald Filho assistia — e resenhava — a pelo menos três filmes por dia até morrer, em 2019. Fichinha perto dos maratonistas de séries de hoje.

A olimpíada está no fim. A falta de público deve ter refletido de alguma forma na redução do número de recordes desta edição, mas o número de especialistas aumentou; até o Maurício saiu da toca para comentar que o coreano não merecia o ouro no salto sobre o cavalo. Ante o pasmo da turma, o Faixa explicou:

– Ele é advogado. Entende tudo de pirueta.